

## A LEITURA E A ARTE COMO MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS

Fabiane Verardi Burlamaque - UPF

Graciela René Ormezzano - UPF

Este trabalho trata do processo arteterapêutico e de formação leitora como um modo de integração social de adolescentes que fazem parte do *Programa de Execução de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto* (PEMSE). Este programa atende adolescentes que cumprem dois tipos de medidas: Liberdade Assistida (LA) e Prestação de Serviços à Comunidade (PSC). É uma modalidade de tratamento para cumprir a pena outorgada pelo Juiz da Infância e da Juventude, em liberdade, que consiste na integração social do adolescente não o afastando do lar e da comunidade, sob a supervisão de um tutor indicado pelo serviço social do município de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, e supervisionado pelo *Fórum Municipal da Socioeducação*, constituído por uma rede multidisciplinar e interinstitucional da qual fazemos parte.

Este trabalho tem como objetivo oferecer oficinas de arteterapia e de práticas leitoras a adolescentes em cumprimento de medida sócio-educativa de Liberdade Assistida, para que, através do contato com a arte e a leitura, possam construir-se ou descobrir-se, pois a leitura é, conforme Bordini e Aguiar, “um campo de plena liberdade para o leitor”.

Trata-se de um estudo de caso, de cunho etnográfico e de abordagem qualitativa, conforme propõe Marli André (1995), cujos objetivos foram: descrever as atividades expressivas no processo de integração social dos participantes; proporcionar condições para que os adolescentes revelem a significação das vivências e compreender suas transformações no transcurso dos encontros.

O campo desta investigação foi uma oficina oferecida pela *Universidade de Passo Fundo* com apoio da *Secretaria Municipal de Cidadania e Ação Social*. Participaram seis adolescentes com idades entre 14 e 18 anos, quatro do sexo masculino e dois do feminino, de diferentes etnias e religiões, alguns com o ensino fundamental incompleto e outros que abandonaram os estudos. Todos têm ou tiveram alguma relação com drogas e estão incluídos no PEMSE por vários tipos de crimes, manteremos seus nomes em sigilo, por isso, utilizaremos pseudônimos.

As oficinas foram divididas entre a arteterapia e as práticas leitoras. No primeiro semestre, as atividades envolveram a arteterapia e, no segundo, as práticas leitoras. Tanto as práticas leitoras como a arteterapia tinham o intuito de fornecer aos adolescentes a oportunidade de se transformar a partir de vivências e reflexões. Tal transformação operada nos adolescentes pela experiência da leitura e da arte é o que Jorge Larrosa denomina de “formação”, que não acontece somente através da palavra escrita, mas deriva do posicionamento do leitor diante do mundo, diante da vida, diante do texto.

As vivências lhes proporcionaram diversas formas de aprendizagem, gerando expressão, criatividade, reflexão e representaram uma leve possibilidade de trocas pessoais. Tanto as práticas leitoras como a arteterapia têm o propósito de buscar uma forma de viver melhor, levando em conta o tempo-espço correspondente a cada participante; são processos em que cada sujeito sente, experimenta e vibra emocionalmente, de tal modo que seu potencial humano se expressa tanto na distinção da singularidade como na percepção da união dinâmica com seus semelhantes.

No que tange à prática da leitura e à formação de leitores, foram realizadas oficinas com o objetivo de incentivar o hábito de ler e fazer da leitura um objeto de emancipação. Para cumprir com tal função, procuramos, primeiramente, apresentar textos com cujas histórias (tanto reais quanto ficcionais) os adolescentes se identificassem. Além disso, para nos aproximarmos dos jovens, escolhemos autores como Ferréz e Sacolinha, em que, tanto as histórias de vida dos autores como os personagens, experimentam situações como a dos jovens participantes das oficinas.

Essas oficinas, partindo da noção de subjetividade de Michèle Petit, possibilitaram ao jovem a construção de sua própria subjetividade, através da interpelação e do reconhecimento de sua própria experiência na voz do outro. Nessas oficinas, a partir de leituras que proporcionam uma identificação social e cultural, foram apresentados e discutidos textos líricos e narrativos.

Assim, observamos a cultura que se estabeleceu com este grupo, de junho a novembro de 2008, cujas atividades adequamos conforme sugestões do projeto coletivo. Registramos o relato das observações do cotidiano da oficina em um diário de campo, que nos possibilitou a compreensão das contribuições do trabalho realizado. De acordo com Marián López Fernández Cao (2006), o registro e a avaliação de cada encontro é algo que não se deve passar por alto, fazendo-se uma observação detalhada das atividades

individuais, grupais, verbais, gestuais e a atitude de cada um dos componentes em relação à atividade proposta.

Desde os primórdios, sabe-se do valor terapêutico e lenitivo da leitura, que favorece a comunicação dos leitores consigo mesmos e com os outros. Muitas vezes, é a força expressiva tanto da imagem real quanto da poética que ilumina sentimentos, pensamentos e percepções que se encontram ocultos ou esquecidos e que muitas vezes são expressos através de atos violentos.

O programa das atividades realizadas nas oficinas fundamentou-se em propostas consideradas adequadas, com base em estudos anteriores, e foi adaptado após as entrevistas individuais iniciais para atender às necessidades do grupo. Cada encontro manteve uma certa ordem metodológica, composta de: sensibilização/motivação, prática leitora e socialização.

As oficinas aconteceram às quartas-feiras, na sede campestre de uma escola católica, que oferecia as instalações físicas e os equipamentos de multimeios. No entanto, em virtude de problemas burocráticos, para dar continuidade à oficina foi necessário que mudássemos o lugar onde a realizávamos e passamos da estrutura da escola católica para uma fundação de menores carentes. A mudança não foi positiva para o grupo. A exclusão apareceu novamente como um fantasma que os persegue.

A seguir, relatam-se alguns destes encontros:

No primeiro dia, demos uma volta para conhecer o novo espaço de trabalho. Os jovens sugeriram fazer as atividades ao ar livre, mas Patrícia disse que preferia fazê-lo na sala. O grupo concordou. Como não tinha cadeiras para todos, Adriano se ofereceu para procurá-las. Para Ormezzano, Diehl e Gallina (2005), os adolescentes sugerem uma certa necessidade de relações de afeto, mas ao mesmo tempo, temem envolver-se afetivamente, gerando sentimentos e emoções confusas, porque muitas vezes esses vínculos foram construídos num ambiente de violência, abandono, exploração e total desprezo pela vida.

Neste primeiro encontro, somente quatro adolescentes participaram. Inicialmente, com o objetivo de averiguar *in loco* o gosto e o interesse dos adolescentes, apresentou-se, em forma de cartelas, diferentes gêneros textuais (crônica, haikai, miniconto, poesia, charge, história em quadrinhos, contos de fadas, reportagem), os quais foram escolhidos pelos adolescentes, que após a escolha e a leitura, as apresentaram para o grupo. Alguns dos jovens disseram que não gostavam de ler, e outros falaram que, apesar de não possuírem o hábito da leitura, gostavam de ler. O critério escolhido por cada um deles para a seleção dos textos foi bem diversificado. Adriano, por exemplo, escolheu a poesia *Soneto do amigo*, de Vinícius de Moraes, porque tinha *um bruxo como esse cara fala, que tá preso agora e que minha vó dizia ser o demo em pessoa, mas a gente se entendia, tá ligada?*; Pedro escolheu o microconto XI, do livro *Pequenos amores*, de José Roberto Torero, porque, *a história era pequena e eu achei engraçada*; Joaquim, o mais calado de todos, escolheu uma charge de Santiago, retirada do site *charge on line*, que faz um jogo metafórico com a falta de impunidade dos brasileiros e as olimpíadas de Pequim, pois *achei legal aqueles loucos lá*; Patrícia escolheu uma história em quadrinhos da Turma da Mônica (*Página Semanal 89*, do portal da Turma da Mônica), porque *gosto deles*.

No segundo encontro, que aconteceu em uma das salas do Laboratório Central de Informática da Universidade de Passo Fundo, estavam os seis adolescentes. Cada um utilizou um computador e lhes foi solicitado que entrassem em sites de seu interesse, assim, os adolescentes aproveitaram para ler seus e-mails, notícias sobre artistas, novelas e esportes, para escutar música e assistir vídeos no *youtube* e, as pesquisadoras ficaram impressionadas com sua desenvoltura e familiaridade com as máquinas. Ao serem questionados sobre em que lugar costumam acessar a internet, os jovens foram unânimes em informar que o fazem em *lan houses*, pois nenhum dos participantes da oficina tem computador em casa ou na escola em que estudam. Após este período, solicitamos que os jovens acessassem o *blog* e o *site* do escritor Ferréz e conhecer um pouco sobre ele e explorar os sites e seus conteúdos. Nenhum dos adolescentes conhecia Ferréz.

Na outra oficina, dando continuidade ao encontro anterior, os adolescentes contaram aos outros o que haviam descoberto sobre Ferréz e o que mais havia chamado a atenção no *blog* e no *site*. A seguir, foi apresentado o texto *Eu queria ter e ser*, retirado do blog do autor. A maioria opinou sobre o texto, e em seguida, eles escreveram e apresentaram o que queriam ter e ser. Através do diálogo que se estabeleceu, os jovens se sentiam muito à vontade com a oficina e confiantes para falar em seus desejos e anseios pessoais. Percebemos que esses jovens almejam ter dinheiro, roupas de marcas, parceiros fisicamente perfeitos, corpos perfeitos, carros modernos e objetos de última geração, pois isso, para eles, configura-se em poder; somente Patrícia demonstrou vontade de ter uma família, com filhos e trabalho. Enquanto discutiam, Elena comentou que o poder não está relacionado necessariamente ao fato de ter coisas materiais, mas também às instituições como família, escola, igreja, polícia.

É importante salientar que, em todos os encontros, era levada uma sacola de livros, de diferentes gêneros, para que os jovens pudessem levar para casa, mas até este encontro nenhum havia demonstrado este desejo. No entanto, nesta oficina, Wagner pediu emprestado, para ler em casa, o livro *Ninguém é inocente em São Paulo*, de Ferrez.

Na oficina seguinte, ainda com o tema do poder em mente, apresentou-se aos jovens o *Poema em linha reta*, de Fernando Pessoa, na voz de Paulo Autran. Quando lhes foi informado que eles ouviriam um autor – explicou-se quem era Paulo Autran – declamar uma poesia de um poeta português, eles ficaram inquietos, demonstrando que não aprovavam a prática; no entanto, logo no primeiro verso - *Nunca conheci quem tivesse levado porrada* - passaram a ouvir e tecer comentários a respeito da linguagem e da estrutura do poema. O debate foi intenso, pois eles não “sabiam” que este tipo de linguagem pudesse ser utilizado em um texto “literário”. E para motivá-los a ler outras poesias, propomos a leitura em voz alta do poema *Só de sacanagem*, de Elisa Lucinda. Foi um dos melhores encontros, pois conseguimos a participação de Joaquim, um dos meninos que nunca havia participado das outras atividades, mantendo-se distante e, muitas vezes, fora da sala. Alguns dos meninos não se interessaram pelas poesias e ficaram conversando entre eles, mas as meninas, especialmente, sentiram-se bastante entusiasmadas.

Neste dia, todos os adolescentes levaram, da sacola de empréstimo, livros de poesias de Fernando Pessoa, Elisa Lucinda, Manoel de Barros e Fabrício Carpinejar.

Desde 1996, a Universidade de Passo Fundo em parceria com a Prefeitura Municipal e editoras brasileiras, em razão de a cidade de Passo Fundo ter recebido o título de Capital Nacional da Literatura, realiza o projeto Livro do Mês em que se trabalha com o texto de um escritor e o traz a cidade para o encontro com os leitores. Pois, em agosto de 2008, estive na cidade o autor Sacolinha para debater com os leitores a obra *85 letras e um disparo*, no entanto, os adolescentes que fazem parte do presente estudo não foram ao debate com o autor.

No outro encontro, a partir da música *A vida é um desafio*, dos Racionais Mc's, que todos os participantes conheciam. Estabeleceu-se, assim, um diálogo acalorado em que os jovens compartilharam pontos de vista e conhecimentos, principalmente sobre *rap*, pois eles se identificam com tais músicas. A maioria conhecia a história do grupo e a ideologia de suas músicas, o debate foi aprofundado com o olhar dos adolescentes sobre as desigualdades sociais, as questões de poder e a realidade das periferias brasileiras. Após a discussão, foram entregues a cada adolescente um exemplar da obra *85 letras e um disparo*, de Sacolinha, autografados pelo autor. Os jovens ficaram encantados e, alguns emocionados com a dedicatória do autor; três deles comentaram que era a primeira vez que ganhavam um livro. Então, foi proposta a leitura do conto que dá título à obra e todos participaram colocando suas interpretações e impressões sobre a história e posicionando-se em relação à realidade social trazida no conto.

Os encontros promoveram a melhora das relações subjetivas e intersubjetivas. Observamos que a arte e a leitura são excelentes meio de educação para a convivência social, gerando algumas mudanças pessoais na vida destes adolescentes que lhes permitiu pensar em assumir outras atitudes ante a violência socialmente estabelecida.

Cada um dos investigados, a sua maneira, mostrava-se e escondia-se em uma trajetória de avanços e retrocessos contínuos, Para isso, considerando que seu cotidiano era relativo a um ambiente de agressividades, as trocas foram sucedendo-se muito lentamente, e esse tempo precisou ser respeitado durante os encontros, pois pode contribuir para indicar os passos iniciais de uma provável integração social.

Retomando os objetivos da pesquisa, é possível afirmar que as atividades realizadas pelos participantes foram muito significativas, proporcionando-lhes condições para que revelassem aspectos de sua interioridade e demonstrassem suas preferências. Desse modo, vimos que se sentiram melhor nas vivências individuais do que grupais e compreendemos que, no transcurso dos encontros, vivenciaram a arte e a leitura como uma linguagem para expressar-se, estabelecendo relações profundas entre ambas.

Compreender as transformações ocorridas nas oficinas parece ser o objetivo mais difícil de alcançar, mas modificações ocorreram, sem dúvida. Assim mesmo, com as dificuldades e conflitos que enfrentamos juntos, pensamos que eles perceberam uma possibilidade de vida diferente. Quanto tempo esta mudança durará? Não sabemos. Os avanços são muito lentos. É preciso ampliar o olhar e a escuta afetiva para que os adolescentes em conflito com a lei reencontrem a si mesmos e, assim, possam integrar-se e conviver com os outros. Cremos que é a partir de encontros como os propostos que as transformações profundas comecem a acontecer.

A prática da leitura, em especial da leitura literária, ativa os processos cognitivos mais complexos. O desenvolvimento destes processos permite aos indivíduos posicionarem-se de maneira sólida para tomarem decisões frente a diferentes situações. Indagar, analisar, inferir, refletir são práticas que favorecem o desenvolvimento do pensamento crítico, pois, conforme Petit, “cada um de nós tem direitos culturais: o

direito ao saber, porém, também, o direito ao imaginário, o direito a apropriar-se de bens culturais que contribuam, em cada etapa da vida, para a construção ou ao descobrimento de si mesmo, a aproximação com o outro, ao exercício da fantasia, a elaboração do espírito crítico”. (Petit, 2002,pg.23/24.) Não podemos assegurar o êxito deste projeto, e isso é o que o torna apaixonante. Talvez algum dia conheçamos os resultados, por enquanto nos conformamos em pensar que iniciamos o caminho, abrimos uma janela que estava fechada. Quiçá estes adolescentes descubram que têm a possibilidade de deixar de estar nas mãos dos outros, que possuem ferramentas para escolher o próprio caminho, que podem ser construtores de seu próprio destino.

Pelo que foi desenvolvido, percebe-se que é necessário que o adolescente que cumpre medida sócio-educativa, através de oficinas, entre em contato com diferentes tipos de textos de caráter estéticos que o auxiliem a construir-se enquanto sujeito e cidadão. Com este projeto de promoção da arte e da leitura em lugares em que não se têm acesso aos livros, abrimos um espaço para que outros possam experimentar o desejo e o prazer de ler, um espaço para compartilhar, onde a arte e principalmente a literatura não seja individualmente “estudada, mas coletivamente compartilhada”.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. O verbal e o não verbal. São Paulo: Unesp, 2004.
- \_\_\_\_ & BORDINI, Maria da Glória. Literatura a formação do leitor :alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993
- ANDRÉ, M.(1995) *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP, Papyrus.
- BONILLA RIUS, A.; GUZMÁN, L.; LARA, M. (2008) “Jóvenes, violencia y arte”. En: *Arteterapia, papeles de arteterapia y educación artística para la inclusión social*, vol. 3, pp.23-36. Madrid, Publicaciones Universidad Complutense de Madrid.
- LARROSA, Jorge. Literatura, experiencia y formación. In: \_\_\_\_\_. *La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación*. Barcelona: Laertes, 1996.
- LOPEZ FERNANDEZ CAO, M. (2006) “Formación del arteterapeuta. Campos, dispositivo y evaluación del arteterapia”. En: *Arteterapia. Conocimiento interior a través de la expresión artística*, pp. 41-62. Madrid, Tutor.
- ORMEZZANO, G.; DIEHL, V.; GALLINA, F. (2005) “Educação estética visual com adolescentes do programa de execução de medidas socioeducativas”. En: *Revista Fundarte*, vol. 5, pp.17-22. Montenegro, Fundarte/Uergs.
- PETIT, Michèle. Nuevos acercamientos a los jóvenes y a la lectura. F.C.E. , México. 1999.
- \_\_\_\_\_. *Lecturas: del espacio íntimo al espacio público*, México, FCE, 2002.